

Milton chega ao primeiro lugar na 'Billboard'

LUÍS ANTÔNIO GIRON

Da Reportagem Local

O compositor Milton Nascimento, 48, é o primeiro brasileiro a chegar ao topo da lista da revista norte-americana "Billboard". Seu LP "Txai", lançado no ano passado no Brasil e há dois meses nos Estados Unidos, está há duas semanas em primeiro lugar na categoria de álbuns de "world music" na parada norte-americana, monitorada pela "Billboard". "Txai" bate, por exemplo, "Talkin' Blues", de Bob Marley (em terceiro lugar) e a coletânea "Brazil Classics vol. 3: Forró", organizada por David Byrne (em 11.º lugar).

Milton e banda encerraram, segunda-feira, em Minneapolis, a turnê "Txai" pelos Estados Unidos, iniciada dia 6 de abril em Nova York. Em 19 shows, Milton calcula ter reunido cerca de 50 mil pessoas. A turnê segue em junho para a Europa. Em julho, o músico participa do Festival de Montreux, na Suíça. Logo depois, apresenta-se em várias cidades do Japão e em Hong-Kong. Volta ao Brasil em agosto para encerrar a excursão.

Em entrevista exclusiva à Folha, dada anteontem, por telefone, de Nova York, onde está projetando seu show em Montreux, Milton diz que seu trabalho não se conforma a rótulos e está ligado "para sempre" aos índios.

Folha — Que avaliação você faz da turnê "Txai"?

Milton Nascimento — Foi a melhor que a gente já fez. É a quinta vez que canto nos Estados Unidos. Pela primeira vez, todas as casas estavam lotadas e o público era composto basicamente de norte-americanos. Vi as pessoas participarem, cantando junto.



O cantor e compositor Milton Nascimento, que está em turnê mundial de lançamento do disco "Txai" e participa do Festival de Montreux

Folha — Você declarou à CNN que os norte-americanos vivem redescobrimo você. Como é isso?

Milton — É verdade. Primeiro me descobriram no jazz. Em 1974, gravei com Wayne Shorter. Depois, fui descoberto como pop

e o trabalho com Paul Simon ajudou nesse sentido. Agora, na terceira vez, sou descoberto como "world music". Não gosto desse negócio de rótulo. Nos Estados Unidos, querem sempre rotular. Quem ouve pop não ouve jazz. É engraçado porque o que é minha música? Ela não tem como ser

enquadrada.

Folha — Como você chegou ao primeiro lugar dos álbuns de "world music"?

Milton — Esse negócio é engraçado. Acho que é por causa do meu trabalho com os índios e as pessoas aqui estão interessadas

nisso. E o que faço não é só pesquisa musicológica junto às tribos. Vai além da música. Estou envolvido com a luta indígena de todo o coração e é para sempre. Nessa turnê, fiz palestras e discuti com pessoas envolvidas em ecologia e índios.

Folha — Mas você é conheci-

do como tímido...

Milton — Quando o assunto é sério, a timidez vai embora.

Folha — Os sons indígenas têm exercido influência sobre a sua música?

Milton — Sim. A gente vai aprendendo com eles. Não tive tempo de estudar profundamente o material. Mas há muita coisa na MPB que é indígena e a gente nem sabia; alguns ritmos, a maneira de colocar as vozes.

Folha — Você participa este ano do Festival de Montreux, não é?

Milton — Sim, dia 7 de julho, na "noite brasileira", da qual participam também Gal Costa e Maria Bethânia. Vou mostrar lá um trabalho mais jazzístico com a orquestra de Gil Evans, regida por Quincy Jones, e o baterista Jack DeJohnette. Depois, me encontro em Madri com o guitarrista Pat Metheny para acertar tudo. Vamos gravar todos juntos. Em outubro, pretendo planejar um trabalho com Paul Simon, que vai estar em excursão pelo Brasil.

Folha — O que você acha da promessa da participação de Madonna e Rolling Stones na Rio Eco-92?

Milton — Não sou porta-voz do evento. Estou envolvido nele como membro da Aliança dos Povos da Floresta. Mas acho que quanto mais gente participar, melhor.

Folha — Quais os próximos projetos desse trabalho com os índios?

Milton — Pretendo lançar, num futuro próximo, um álbum com o material sonoro que recolhi nas tribos suruí, caiapó e outras. São 20 horas de gravação. É um material riquíssimo que vai entrar para a cultura brasileira. O dinheiro arrecadado nesse álbum, como o da turnê e do disco "Txai", vai para os índios.